

RiMe

Rivista dell'Istituto  
di Storia dell'Europa Mediterranea

ISBN 9788897317661

ISSN 2035-794X

numero 8/III n.s., giugno 2021

*A Alteridade na revisitação de um Portugal  
setecentista. As “Mémoires pour  
servir à l’histoire de ma vie”  
de Giuseppe Gorani*

The *Otherness* in the re-visitation of a 18<sup>th</sup> century  
Portugal. The “Mémoires pour servir  
à l’histoire de ma vie” by  
Giuseppe Gorani

Ana Paula Avelar

DOI: <https://doi.org/10.7410/1484>

Istituto di Storia dell'Europa Mediterranea  
Consiglio Nazionale delle Ricerche  
<http://rime.cnr.it>





## Special Issue

Portugal na escrita dos Italianos  
(sécs. XVI-XVIII)

Portugal in the writings of Italians  
(16<sup>th</sup>-18<sup>th</sup> centuries)

Organizado por / Edited by

Nunziatella Alessandrini - Mariagrazia Russo  
- Gaetano Sabatini

## **Direttore responsabile | Editor-in-Chief**

Luciano GALLINARI

## **Segreteria di redazione | Editorial Office Secretary**

Idamaria FUSCO - Sebastiana NOCCO

## **Comitato scientifico | Editorial Advisory Board**

Luis ADÃO DA FONSECA, Filomena BARROS, Sergio BELARDINELLI, Nora BEREND, Michele BRONDINO, Paolo CALCAGNO, Lucio CARACCILO, Dino COFRANCESCO, Daniela COLI, Miguel Ángel DE BUNES IBARRA, Antonio DONNO, Antonella EMINA, Vittoria FIORELLI, Blanca GARÌ, Isabella IANNUZZI, David IGUAL LUIS, Jose Javier RUIZ IBÁÑEZ, Giorgio ISRAEL, Juan Francisco JIMÉNEZ ALCÁZAR, Ada LONNI, Massimo MIGLIO, Anna Paola MOSSETTO, Michela NACCI, Germán NAVARRO ESPINACH, Francesco PANARELLI, Emilia PERASSI, Cosmin POPA-GORJANU, Adeline RUCQUOI, Flocel SABATÉ i CURULL, Eleni SAKELLARIU, Gianni VATTIMO, Cristina VERA DE FLACHS, Przemysław WISZEWSKI.

## **Comitato di redazione | Editorial Board**

Anna BADINO, Grazia BIORCI, Maria Eugenia CADEDDU, Angelo CATTANEO, Isabella CECCHINI, Monica CINI, Alessandra CIOPPI, Riccardo CONDRÒ, Alberto GUASCO, Domenica LABANCA, Maurizio LUPO, Geltrude MACRÌ, Alberto MARTINENGO, Maria Grazia Rosaria MELE, Maria Giuseppina MELONI, Rosalba MENGONI, Michele M. RABÀ, Riccardo REGIS, Giovanni SERRELI, Giovanni SINI, Luisa SPAGNOLI, Patrizia SPINATO BRUSCHI, Giulio VACCARO, Massimo VIGLIONE, Isabella Maria ZOPPI.

## **Responsabile del sito | Website Manager**

Claudia FIRINO

### **© Copyright 2021: Author(s)**

Gli autori che pubblicano con *RiMe* conservano i diritti d'autore e concedono alla rivista il diritto di prima pubblicazione con i lavori contemporaneamente autorizzati ai sensi della

Authors who publish with *RiMe* retain copyright and grant the Journal right of first publication with the works simultaneously licensed under the terms of the

“Creative Commons Attribution - NonCommercial 4.0 International License”.



*RiMe. Rivista dell'Istituto di Storia dell'Europa Mediterranea* (<http://rime.cnr.it>)

Direzione e Segreteria | Management and Editorial Offices: via G.B. Tuveri, 128- 09129 Cagliari (I).

Telefono | Telephone: +39 070403635 / 070403670.

Invio contributi | Submissions: [rime@isem.cnr.it](mailto:rime@isem.cnr.it)

## RiMe 8/III n.s. (June 2021)

### Special Issue

Portugal na escrita dos Italianos (sécs. XVI-XVIII)

Portugal in the writings of Italians (16<sup>th</sup>-18<sup>th</sup> centuries)

Organizado por / Edited by

Nunziatella Alessandrini - Mariagrazia Russo - Gaetano Sabatini

### Table of Contents / Indice

Nunziatella Alessandrini - Mariagrazia Russo - Gaetano Sabatini <i>Introdução / Introduction</i>	7-9
Cecilia Veracini <i>Uso e commercio degli animali non umani nell'espansione portoghese (secoli XV e XVI): le testimonianze dei viaggiatori italiani / Use and trade of non-human animals in Portuguese overseas expansion (15<sup>th</sup> and 16<sup>th</sup> centuries): Evidence from Italian travellers</i>	11-42
Nunziatella Alessandrini <i>Vincenzo Tron e Girolamo Lippomani: a Lisboa de Quinhentos em espelho / Vincenzo Tron and Girolamo Lippomani: the 16<sup>th</sup> century Lisbon in the mirror</i>	43-61

Rui Loureiro	63-81
<i>Breves notas sobre as cartas lisboetas de Filippo Sassetti (1578-1583) / Brief notes about the Lisbon letters of Filippo Sassetti (1578-1583)</i>	
Luís Costa e Sousa	83-112
<i>Portugal 1580: o itinerário gráfico de Stefano Angarano / Portugal 1580: Stefano Angarano's graphic itinerary</i>	
João Cabeleira	113-144
<i>Visão da paisagem seiscentista portuguesa através das vedute de Pier Maria Baldi e da Relazione ufficiale de Lorenzo Magalotti / A view of the 17<sup>th</sup> century Portuguese landscape through the vedute by Pier Maria Baldi and the Relazione ufficiale by Lorenzo Magalotti</i>	
Mariagrazia Russo	145-162
<i>Antonio Albergati, colector em Portugal (1622-1624): uma presença contra a escravidão. Documentos inéditos em bibliotecas romanas / Antonio Albergati, collector in Portugal (1622-1624): a presence against slavery. Unpublished documents in Roman libraries</i>	
Cristina Bravo Lozano - Roberto Quirós Rosado	163-183
<i>Evangelizzare nella tempesta. Fra' Bonaventura d'Alessano, la 'Restauração' in Portogallo e le origini della Missione del Congo / Evangelising in the storm. Friar Bonaventure d'Alessano, the 'Restauração' in Portugal and the origins of the Congo Mission</i>	
Ricardo Bernardes	185-198
<i>Vivat Maestri Scolari: a presença de Giuseppe Scolari e as suas óperas em Lisboa entre 1766 e 1774 / Vivat Maestri Scolari: the presence of Giuseppe Scolari and his operas in Lisbon from 1766 to 1774</i>	
Elfrida Ralha	199-238
<i>João Ângelo Brunelli (1722-1804). Episódios históricos marcados por um matemático bolonhês contratado por D. João V / João Ângelo Brunelli (1722-1804). Historical episodes marked by a Bolognese mathematician hired by D. João V</i>	
Ana Paula Avelar	239-259
<i>A Alteridade na reavistação de um Portugal setecentista. As "Mémoires pour servir à l'histoire de ma vie" de Giuseppe Gorani / The Otherness in</i>	

the re-visitation of a 18<sup>th</sup> century Portugal. The “*Mémoires pour servir à l’histoire de ma vie*” by Giuseppe Gorani

### Focus

Antonio González Valverde - José Javier Ruiz Ibáñez

263-298

*El derecho y el azar testamentario: mérito, promoción social, normativa y tiempos en la sucesión del maestro de campo don Juan de Rivas, castellano de Cambrai (1596-1616) / Testamentary law and chance: merit, social promotion, norms and times in the succession of the maestro de campo Don Juan de Rivas, castellan of Cambrai (1596-1616)*





## A Alteridade na re-visitação de um Portugal setecentista. As “*Mémoires pour servir à l’histoire de ma vie*” de Giuseppe Gorani

The Otherness in the re-visitation of a 18<sup>th</sup> century Portugal. The “*Mémoires pour servir à l’histoire de ma vie*” by Giuseppe Gorani

Ana Paula Menino Avelar  
(Universidade Aberta  
Universidade NOVA de Lisboa  
CEC-CH-FLUL)

Date of receipt: 10/02/2021

Date of acceptance: 19/04/2021

### Resumo

Neste ensaio examina-se o Portugal setecentista descrito nas *Mémoires pour servir à l’histoire de ma vie* de Giuseppe Gorani (1811-16). Parte-se do conceito seminal de representação de Louis Marin, e através da sua reflexividade e transitividade perscrutasse as relações sociais. A par da análise da representação de diferentes realidades e formas de estar no mundo reflecte-se sobre a “condição histórica” do autor. Gorani elaborou um discurso memorialista autobiográfico, expondo o seu percurso de vida, detalhando como entre 1765-67 se vivia em Portugal. Assim, contextualiza-se um autor e o seu tempo e analisa-se a sua re-visitação de Portugal, revelando-se a *alteridade* plasmada nas *Mémoires* deste cidadão das “Luzes”.

### Palavras-chave

Memória; alteridade; Giuseppe Gorani; Iluminismo; autobiografia.

### Abstract

In this essay we explore how the 18<sup>th</sup> century Portugal was described in Giuseppe Gorani's *Mémoires pour servir à l’histoire de ma vie* (1811-16). Louis Marin's seminal concept of representation is used in order to scrutinise the social relations described in this work through reflexivity and transitivity. Alongside the analysis of the representation of different realities and ways of being in the world, we reflect on the author's "historical condition". Gorani wrote an autobiographical memorialist discourse, exposing a life path, and detailing Portuguese daily life (1765-67). Thus, we contextualise an author and his time and analyse his re-visitation of Portugal, revealing the *Otherness* embodied in the *Mémoires* of this citizen of the "Enlightenment".

### Keywords

Memory; Otherness; Giuseppe Gorani; Enlightenment; Autobiography.

---

1. A Alteridade na re-visitação. - 2. Bibliografia. - 3. Curriculum vitae.

### 1. A Alteridade na revisitação...

Neste ensaio analisa-se a representação de um Portugal setecentista nas *Mémoires pour servir à l'histoire de ma vie* de Giuseppe Gorani (1740-1819), tendo como ancoragem seminal a acepção de Louis Marin: “To represent means oneself representing something. Ever representation, every representational sign, every signifying process thus includes two dimensions, wick I am in the habit of calling, in the first case, reflexive – to present oneself – and, in the second case, transitive – to represent something”(Marin, 2001, p.352)<sup>1</sup>. Esta dupla acepção de reflexividade e transitividade permite-nos perscrutar as relações interpessoais e de grupos sociais, através da desocultação do modo como a realidade foi apreendida. Deste modo, é-nos possível determinar os processos de representação, reconhecendo diferentes formas de estar no mundo, como, aliás, salienta Roger Chartier:

De maneira mais geral, o conceito de representação tal como ele [Louis Marin] o compreende e emprega foi um apoio precioso para que pudessem ser determinados e articulados, sem dúvida melhor do que permitia a noção de mentalidade, as diversas relações que os indivíduos ou os grupos mantêm com o mundo social: primeiramente, as operações de recorte e de classificação que produzem configurações múltiplas graças às quais a realidade é percebida, construída, representada: em seguida, os signos que visam a fazer reconhecer uma identidade social, a exhibir uma maneira própria de estar no mundo, a significar simbolicamente um estatuto, uma ordem, um poder; enfim, as formas institucionalizadas através das quais ‘representantes’ encarnam de modo visível, ‘presentificam’, a coerência de uma comunidade, a força de uma identidade, ou a permanência de um poder (Chartier, 2002, p. 169).

Assim, a par da determinação dos modos de representar, importa atender à condição histórica do autor. Na obra em análise Giuseppe Gorani elaborou um discurso memorialista, expondo um percurso de vida e observando como, entre 1765-1767, se vivia em Portugal. Nestes anos ainda ecoava o terramoto de 1755<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> Não é propósito de este ensaio discorrer sobre a evolução epistémica do uso do conceito de representação, nem historiografar as suas aplicações no âmbito dos estudos culturais. Contudo, refira-se o contributo dos estudos imagiológicos neste espaço de problematização teórica, os quais contribuem de um modo significativo para o aprofundamento analítico. A título de exemplo cf. Simões, 2011, pp. 9-53.

<sup>2</sup> Assinale-se que em 1755 Lisboa tinha sido assolada por um intenso abalo sísmico que destruiu grande parte da capital. Os efeitos devastadores deste terramoto e maremoto foram reportados pelas capitais europeias. Vultos como Voltaire, Rousseau ou Kant reflectiram sobre tão grande catástrofe. Cf. Buescu. Helena Carvalhão (2005) pp. 401-405. Sobre as providências tomadas pelo Marquês de Pombal, aquando de tal desastre, veja-se a obra de

e Sebastião José de Carvalho e Melo (1699-1782), o já então conde de Oeiras, “imperava” na corte de D. José I (1714-1772).



Fig.1. Giuseppe Gorani<sup>3</sup>.



Fig. 2. O Conde de Oeiras e a reconstrução de Lisboa<sup>4</sup>.

É à esfera pública que Giuseppe Gorani destina as *Mémoires pour servir à l'histoire de ma vie* e a sua condição histórica foi um factor construtor da sua H(h)istória, do seu processo de historiografar um tempo. Como Paul Ricoeur declara: “I will call our ‘historical condition’ this realm of existence placed under the sign of a past as being no longer and having been. And the assertive vehemence of the historian’s representation as standing for the past is authorized by nothing other than the positivity of the ‘having been’ intended across the negativity of the ‘being no longer’” (Ricoeur, 2004, p. 280). Neste solo vivencial de um “ter sido” e de “já não ser” a memória é um constructo da narrativa goraniana, subjazendo ao seu uso a premissa de:

With remembering, the emphasis is placed on the return to awakened consciousness of an event recognized as having occurred before the moment when consciousness declares having experienced, perceived, learned it. The temporal mark of the before thus constitutes the distinctive feature of remembering, under the double form of simple evocation and of the recognition that concludes the process of recall (*Ibi*, p. 58).

---

Francisco José Freire escrita sob o nome de Amador Patrício de Lisboa e que foi impressa em Lisboa, no ano de 1758.

<sup>3</sup> In <[https://fr.wikipedia.org/wiki/Giuseppe\\_Gorani#/media/Fichier:Giuseppegorani.jpg](https://fr.wikipedia.org/wiki/Giuseppe_Gorani#/media/Fichier:Giuseppegorani.jpg)> [consultado a 23/03/2021]

<sup>4</sup> Marquês de Pombal (c.1766), por Louis-Michel van Loo e Claude Joseph Vernet <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Sebasti%C3%A3o\\_Jos%C3%A9\\_de\\_Carvalho\\_e\\_Melo#/media/Ficheiro:Louis-Michel\\_van\\_Loo\\_003.jpg](https://pt.wikipedia.org/wiki/Sebasti%C3%A3o_Jos%C3%A9_de_Carvalho_e_Melo#/media/Ficheiro:Louis-Michel_van_Loo_003.jpg)> [consultado a 23/03/2021]>

Tal *essência* impõe a sua selectividade, não sendo, por isso, a memória concebida como um mero depósito onde se acumulam os acontecimentos vividos pelo sujeito: “[...] um mero registo, mas é a retenção afectiva e ‘quente’ do passado feita dentro da tensão tridimensional do tempo. E os seus elos com o esquecimento obrigam a que somente se possa recordar partes do que já passou” (Catroga, 2001, pp. 20-21).

Estes limites enquadram e espelham-se no facto de Giuseppe Gorani afirmar expressamente que redigiu *Memórias para servir à história da minha vida*<sup>5</sup>, expondo-se neste exercício o seu transitar da memória dada e exercida à memória ponderada, i.e., à memória de “si”. Ele representa historiograficamente um passado, o seu e o de outros.

Mas, sinalizem-se alguns dados relativos à escrita desta narrativa. Entre os anos de 1811-1816 Giuseppe Gorani, que se encontrava no exílio em Genebra, redigiu as *Mémoires pour servir à l’histoire de ma vie*. Neste texto referiu-se ao período em que tinha estado em Portugal, quando já haviam passado mais de 45 anos. A publicação desta obra ocorreu já depois da morte do seu autor, a qual tinha sido noticiada 15 anos antes no *Dictionnaire historique*, mas que aconteceu a 13 de Dezembro de 1819.

O conde Alessandro Casati, que ficou detentor do manuscrito, doou-o à *Società Storica Lombarda*, fixando o texto em francês e anotando-o em italiano. Casati foi o responsável pela publicação dos 3 primeiros volumes, que saíram em Milão a partir de 1937, sendo que o último volume sairia ainda no século passado pela mão de Carlo Capra<sup>6</sup>. Estas memórias autobiográficas de Giuseppe Gorani reportam-se a 4 momentos da sua vida. A saber: os *Souvenirs de Jeunesse et de Guerre (1740-1763)*, as *Cours et Pays (1764-1766)*, onde encontramos a descrição da sua presença na corte portuguesa entre os anos de 1765 e 1767, *Du despotisme éclairé à la revolution (1767-1791)* e *Les persécutions et le volontaire exil (1792-1811)*.

Neste ensaio serão unicamente analisados os anos de 1765-1767, isto é, a *representação* goraniana da sua permanência em Portugal. Neste discurso autoral plasma-se uma alteridade omnisciente, onde um sentir como “estrangeiro” ditou a digressão pelos espaços. As *Mémoires pour servir à l’histoire de ma vie* são um documento de uma época, que deve ser tomado como um artefacto cultural, pois, apesar de ter sido produzido num tempo preciso, as suas interpretações não se reduzem a essa dimensão.

---

<sup>5</sup> Tradução em língua portuguesa do título. A versão portuguesa usada neste ensaio é a de Castelo-Branco Chaves. Cf. Gorani, 1989, pp. 23-206

<sup>6</sup> A última parte sairia ainda no século passado preparada por Carlo Capra. Cf. Mannucci, 1998, p. 584.

Como escreveu Paul Hamilton, a particularidade dos eventos históricos e das obras de arte reside no facto de os mesmos fixarem um momento, ainda que se encontrem abertos a modos de explicação que mudam através dos tempos (Hamilton, 2002, p. 18). Tal concepção implica necessariamente o atender à dimensão do sujeito, produtor do objecto e leitor do mesmo, o que, no caso deste texto, introduz uma terceira dimensão interpretativa, a do discurso como testemunho, isto é, do discurso que se projecta como “historiador do eu”.

Ao tomar esta tripla dimensão, a de sujeito, leitor e historiador do eu, filio-a na formulação rousseuniana do escrito autobiográfico, onde se procura a revelação do eu, emanando a sua natureza, sendo os sentimentos a forma superior de conhecimento: “There is, for Rousseau, no higher form of knowledge than feeling; self-knowledge, it soon becomes evident, is inseparable from conviction or intuitive self-understanding, from ‘a knowledge of his heart’ that belongs to him alone” (Anderson, 2001, p. 44). Atente-se no facto destes vectores constitutivos dos escritos autobiográficos rousseunianos - *Les Confessions* (1770)<sup>7</sup>, *Dialogues* (1776), *Reveries* (1778) -, romperem com os anteriores modelos espirituais e anteciparem aquele que será um novo programa de escrita romântica autobiográfica<sup>8</sup>.

Logo, no início do primeiro livro de *Les Confessions* Jean-Jacques Rousseau escreve:

Je forme une entreprise qui n'eut jamais d'exemple et dont l'exécution n'aura point d'imitateur. Je veux montrer à mes semblables un homme dans toute la vérité de la nature; et cet homme ce sera moi.

Moi, seul. Je sens mon coeur et je connais les hommes. Je ne suis fait comme aucun de ceux que j'ai vus; j'ose croire n'être fait comme aucun de ceux qui existent. Si je ne vaux pas mieux, au moins je suis autre. Si la nature a bien ou mal fait de briser le moule dans lequel elle m'a jeté, c'est ce dont on ne peut juger qu'après m'avoir lu. (Rousseau, s.d., online).

De igual modo, Giuseppe Gorani revelou a sua natureza singular, a sua inquietude e finitude: “On vit qu`instant et on croit que le tems nous appartient,

---

<sup>7</sup> Ainda que este texto tenha sido concluído em 1770 só foi publicado entre 1781 e 1789, já depois da morte do seu autor.

<sup>8</sup> Como Linda Anderson sistematizou: “The dilemma of Romantic autobiography, for wich Rousseau seems to have provided such extensive exemplary material, lies in the way the notion of na original and authentic self, the transparency wich for Rousseau was his ‘natural’ condition, is both presumed and put into question by representation itself, by language wich performs more than it means to, wich does not correspond to experience, but introduces though displacement and excess other, unpredictable meanings.” (Anderson, 2001, p. 53).

tandis que nous passons sur la terre avec la rapidité de l'éclair, ne sachant avec certitude ni d'où nous venons, ni où nous allons; et nous imaginons cependant que toutes les combinaisons, tous les calculs, sont du domaine de notre esprit"(Casati - Girardet, s.d., p.5). O seu sentir-se como um apátrida e insubmisso levaram-no, como confessou nas suas memórias, a viajar, sonhar, observar os outros e a escrever.

Giuseppe Gorani serviu os ideais iluministas, espelhando-os nos seus diferentes escritos. Filho mais novo do conde Ferdinando Gorani e da marquesa Marianna Belcredil<sup>9</sup>, ele corporizou o arquétipo do "aventureiro das Luzes". Ao longo da sua vida foi soldado, cortesão, diplomata, sofrendo os favores e desaires da *fortuna*. Os seus textos revelam os conhecimentos económicos e políticos, que, ao longo dos anos, foi cultivando. Propagandista revolucionário nos salões parisienses partilhou estes ideais com, entre outros, Voltaire, Mirabeau e Mme de Staël, debatendo os ideais fisiocráticos com Charles Bonnet. Desde 1790 encontramos-lo em Paris, entregando papéis e memórias várias na Assembleia Nacional. Estes versam temas tão diversos como a reforma fiscal, a reorganização dos exércitos, ou as canções patrióticas. Gorani não se exime de escrever várias cartas abertas aos monarcas europeus e aos seus *concidadãos*, defendendo intensamente os ideais da Revolução Francesa<sup>10</sup>.

Prolixo nos temas abordados, a educação foi um dos tópicos que o preocupou a par da análise que procurou fazer dos modos de governar os povos. Exemplo deste último aspecto são as suas *Recherches sur la science du gouvernement (Ricerche sulla scienze dei governi)*, publicadas em francês e italiano, ou as *Mémoires secrets et critiques des Cours, des gouvernements et des moeurs des principaux Etats d'Italie* ou ainda as suas memórias autobiográficas, o texto analisado neste ensaio.

Neste último, a memória – repositório de noções e sentimentos, espaço fantasmático onde a expressão "Je me souviens" é utilizada –, constrói o discurso. Como salienta Maria G. Vitali-Volant esta expressão surge: "(...) en tant que dialectique de l'invention, variante des procédures de l'ancienne rhétorique et des poétiques affirmant que l'écriture doit servir à quelque chose et à quelqu'un ou être une modalité de l'action, du civisme. Elle doit être efficace et transitive : persuader, blâmer, dissuader, louer"(Vitali-Volant, 2005, p. 3).

---

<sup>9</sup> Apesar de ser um texto datado da segunda metade do séc. XVIII ainda são relevantes para o desenho do perfil biográfico de Giuseppe Gorani, Monnier, Marc (1874) pp. 854-888 e Casati, Alessandro (1931). Este último citado devido ao estudo que se centra sobre a juventude de Gorani e a guerra dos sete anos.

<sup>10</sup> Atente-se, por exemplo nas suas cartas sobre a revolução francesa. Gorani, J. (1793).

Gorani exercitou todas estas acções. O seu discurso memorialista toma do discurso ficcional a subjectividade e a introspecção, procurando uma verdade que aparece como que entrevista pelo leitor. As suas memórias transformam-se, em determinados momentos narrativos num “romance de aventuras”, constituindo-se num permanente elogio à viagem, como processo de conhecimento do Eu e do Outro.

Como François Genton sistematizou, ao tomar a conceptualização de Georges Gusdorf, os escritos autobiográficos constituem-se como ilustrações de uma visão do individuo e da humanidade num dado momento, revelando um projecto, uma forma de ser, um estilo de vida (Genton, 2011, p. 5). Em Gorani o seu estatuto de constante viajante tece a pedagogia que proclama na sua escrita, visto a leitura das suas aventuras possuir um indelével objectivo, o da instrução do leitor. O seu “sentir-se como um *apátrida*” marca as *Mémoires...*, nomeadamente ao longo da permanência em Portugal. Ao expôr os motivos da sua escrita o autor confessa:

Je n’ai jamais pu m’accoutumer à une patrie qu’en était pas une pour moi, ni me soumettre à vivre parmi mes parents, que je ne pouvais faire autrement que de regarder comme des ennemies. C’est donc cette manière d’exister qui m’a rendu voyageur, rêveur, mécontent de tout. (...) C’est donc cette manière d’être que a influencé toutes les époques de ma vie, qui m’a fait embrasser différents projets, qui m’a poussé dans les rôles que j’ai bien ou mal joués, et qui est enfin la principale cause de ces mémoires (Casati, Girardet, s.d., p. 5).

O olhar de estrangeiro onisciente constitui-se na transitoriedade da viagem, que atravessa as memórias. Não é objecto deste ensaio as sucessivas deambulações pela Europa, nem o facto de ter escrito as suas memórias sobre outros espaços europeus, mas tomar como ponto de partida a sua saída de Sevilha para Sanlúcar de Barrameda e daí para Aymonte, chegando a Castro Marim, passando por Mértola, Beja, Évora, onde visitou a Universidade, que classifica como sendo uma escola pública onde apenas se ensinaria Latim e Humanidades.



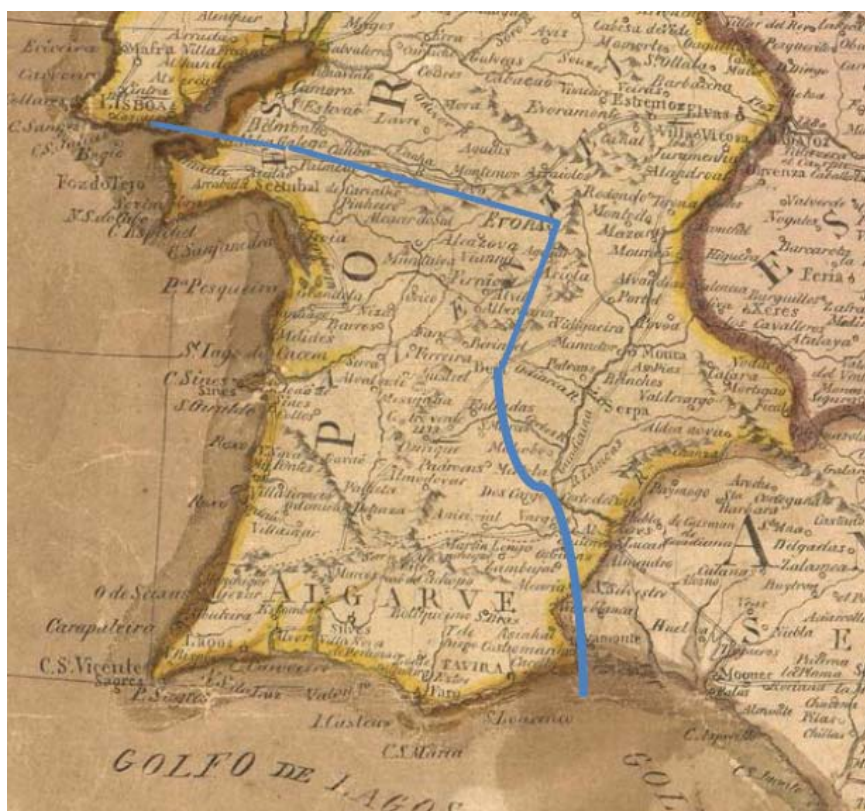


Fig. 4 Viagem de Gorani pelo sul de Portugal<sup>11</sup>.

Nas suas memórias Gorani elogiou os estudos oferecidos pela universidade de Coimbra, considerando-a, como sendo uma das melhores da Europa. Ele visitá-la-ia após ter sido apresentado ao conde de Oeiras, deslumbrando-se com a sua disposição arquitetural e com a qualidade dos seus doutores (Gorani, 1989, pp. 173-174).

Em Évora, no início da sua digressão pelo sul de Portugal, Gorani comprou a um livreiro que estava de partida para Lisboa, quatro livros: *A Fénix Aparecida na Vida, Morte, Sepultura e Milagres da Gloriosa Santa Catarina*, escrita por Soror Maria do Céu (1658-1753), *A imagem da Virtude* do padre jesuíta António Franco (1662-1732), *a A Vida Heróica e Maravilhosa da Gloriosa Santa Ana, mãe da Virgem Maria* do também padre jesuíta Gabriel Malagrida (1689-1761) e *a De Antiquitatibus Lusitaniae* de André de Resende (1500-1573), cuja impressão ocorreu logo no século XVI. Refira-se que o conjunto destes textos revelam uma sensibilidade e gosto multifacetados. A obra de Soror Maria do Céu, uma das melhores poetisas do barroco português, cultora de uma intensa imagética e musicalidade poéticas, decerto deliciou Giuseppe Gorani, que na corte josefina

<sup>11</sup> Detalhe do mapa de Portugal de Tomas Lopez (c. 1804) in <[https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Map\\_of\\_Spain\\_and\\_Portugal,\\_Corrected\\_and\\_Augmented\\_from\\_the\\_Map\\_Published\\_by\\_D.\\_Tomas\\_Lopez.tif](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Map_of_Spain_and_Portugal,_Corrected_and_Augmented_from_the_Map_Published_by_D._Tomas_Lopez.tif)> (22-06-2021).

ofereceria poemas às fidalgas portuguesas. Já o texto de António Franco respondia, como refere Miranda Urbano (Urbano, 2014, p. 306), às emergentes sensibilidades literárias e historiográficas da hagiografia moderna e André de Resende proporcionaria a Gorani o saber humanista sobre a cidade onde pernoitava. Por seu turno, Gabriel Malagrida, que vai sendo citado ao longo das *Mémoires...*, escrevera, para além desta sua deambulação por visões celestes, o *Juízo da Verdadeira Causa do Terramoto* (1756) onde defendera que o terramoto fora um castigo divino, sendo as procissões religiosas e os exercícios espirituais a solução para os males que afligiam os desalojados. Esta posição do clérigo fora, aliás, a razão de Malagrida ser desterrado para Setúbal a mando de Sebastião de Carvalho e Melo (Hazin, 2002, p. 93). Desde o início da sua digressão por Portugal, Gorani introduz-nos subliminarmente num mundo onde se deverá ler para além do dito. Recorde-se que estas são as suas memórias e não um imediato relato de uma permanência.



Fig.5. Sebastião José de Carvalho e Melo.



Fig.6. Eleonore Ernestine von Daun. Esposa do conde de Oeiras<sup>12</sup>.



Fig.7. Condessa Cicogne<sup>13</sup>.

De Évora, Gorani partiu para a Aldeia Galega, louvando, aos seus companheiros da viagem para Lisboa, o 1º ministro de Portugal, Sebastião de Carvalho e Melo a quem iria oferecer os seus préstimos. Gorani fora recomendado pela condessa Cicogne, irmã da esposa de Sebastião José de Carvalho e Melo. Neste troço do seu percurso cruzou-se com um regimento em marcha, cujo aspecto elogiou, considerando que tinha muito melhor aparência que os militares espanhóis. O autor das *Mémoires...* informa o leitor que teria

<sup>12</sup> <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Leonor\\_Ernestina\\_de\\_Daun,\\_Marquesa\\_de\\_Pombal#/media/Ficheiro:Dona\\_Leonor\\_Ernestina\\_de\\_Daun,\\_1.%C2%AA\\_marquesa\\_de\\_Pombal.png](https://pt.wikipedia.org/wiki/Leonor_Ernestina_de_Daun,_Marquesa_de_Pombal#/media/Ficheiro:Dona_Leonor_Ernestina_de_Daun,_1.%C2%AA_marquesa_de_Pombal.png)>

<sup>13</sup> Maria Leopoldina Barbara von und zu Daun, irmã da esposa de Sebastião Carvalho e Melo. <<https://www.geneanet.org/media/public/maria-leopoldina-barbara-von-und-zu-daun-3935830>>

então tido a notícia de que o conde de Lippe, que servira às ordens de Portugal na reorganização o exército, estava de regresso à Alemanha.

Pela voz do companheiro de viagem, Gorani transmite-nos a pouca importância dada à partida deste, referindo o bacharel que o acompanhava que em caso de guerra “qualquer general era bom”, opinião de imediato refutada por Gorani, que afirma citar Ifícrates: “Um exército de veados conduzido por um leão é mais de temer que um exército de leões comandado por um veado”<sup>14</sup>.



Fig. 9. Lisboa antes e depois do terramoto de 1755<sup>15</sup>

<sup>14</sup> Casati referencia que esta sentença teria sido pronunciada por Cabria. Plutarco teria referido tal declaração no seu *Apophthegmata Laconica* (Gorani, 1989, p. 63). Contudo veja-se a tradução inglesa das sentenças. Na referência sobre Cabria é assinalado o seguinte episódio: “Chabrias used to say that those men commanded an army best who best knew what the enemy were about. When he was under indictment for treason along with Iphicrates [Callistratus, rather than Iphicrates, in the year 366 B.C.], Iphicrates rebuked him because, while he was in jeopardy, he went to the gymnasium, and spent the usual time at his luncheon. His answer was: ‘You may go unwashed and unfed, and I may have had my luncheon and a bath and rub-down, but you may rest assured that, if the Athenians reach any adverse decision regarding us, they will put us both to death’.

He was wont to say that an army of deer commanded by a lion is more to be feared than an army of lions commanded by a deer.” (Babbitt, 1961, III, pp. 105-107). Atente-se no facto de Plutarco referir que o diálogo ter-se-ia passado entre Cabria e Ifícrates. Segundo Demóntenes (*Contra Mídias*, 65), Cabria foi acusado de traição, juntamente com Calístrato.

<sup>15</sup> <[https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Lisbon\\_before\\_and\\_after\\_1755\\_earthquake.jpg?uselang=pt](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Lisbon_before_and_after_1755_earthquake.jpg?uselang=pt) (22.06.2021)> (22.06.21).

Intermitentemente Giuseppe Gorani permaneceu na que considerou ser a “soberba” capital do Reino de Portugal, que, de imediato, descreveu, referindo o terramoto de 1755 e as marcas ainda visíveis. Lisboa *subia* a partir da margem do Tejo, respirando *grandiosidade*. Gorani permaneceria nos círculos *curiais* de Sebastião José de Carvalho e Melo, onde chegaria em 1765, oferecendo os seus préstimos como homem de armas à coroa portuguesa. Ele recebeu a protecção dos condes de Oeiras e nas suas memórias, o ministro de D. José I surge-nos como alguém que:

apreciava excessivamente a lisonja e mesmo quando ela era de um género baixo e repugnante, a admitia e relevava. Os meus elogios, porém, não eram lisonjas, pois por então ainda eu estava convencido que ele os merecia. Um Ministro que tão energicamente havia combatido a superstição, rompido com Roma, humilhado o sacerdócio, constituía para mim um ídolo, e o conde de Oeiras estava nas condições de se impor à minha imaginação (Gorani, 1989, p. 79).

A marca deste discurso memorialista é o tom confessional. Gorani foi o homem que fizera carreira nas armas, combatera sob a bandeira austríaca nalgumas das contendas, da que veria a ser designada como a Guerra dos Sete Anos. O desaire na batalha de Leuthen, travada a 5 de dezembro de 1757 e onde o exército prussiano repele as forças austríacas, lançou-o na maior das provações, regressando à Boémia em 1759. Este memorialista seria preso pelas forças prussianas, conseguindo habilmente colocar-se ao serviço de Frederico II. Mas também aí não encontrou a fortuna que almejava e regressou a Milão, para junto da família onde o esperava uma gélida recepção (Monnier, 1874, p.856-861).



Fig. 10. Theodor von Neuhoff<sup>16</sup>.

<sup>16</sup> <[https://en.wikipedia.org/wiki/Theodore\\_of\\_Corsica#/media/File:Theodor\\_von\\_Neuhoff.png](https://en.wikipedia.org/wiki/Theodore_of_Corsica#/media/File:Theodor_von_Neuhoff.png)> (22.06.2021).

Em 1764 partiria de novo, ambicionando ver o reinado corso de Teodoro, o aventureiro barão de Neuhoff, decerto imaginando que assim partilharia o desígnio rousseaniano da inevitável grandeza de uma república corsa, que este filósofo tinha evidenciado no seu projecto de Constituição para aquele espaço. Para Jean-Jacques Rousseau: “Le peuple corse est dans l’heureux état qui rend une bonne institution possible, il peut partir du premier point et prendre des mesures pour ne pas dégénérer. Plein de vigueur et de santé il peut se donner un gouvernement qui le maintienne vigoureux et sain”(Rousseau, 2012, p.5), Com esta permanência na Córsega Giuseppe Gorani procurava vivenciar o rousseaniano *Contrato Social*, ainda que se deva ter em atenção como distintas vivências revolucionárias ditariam diferentes formas de prospectivar a sociedade. Ao discorrer sobre a paz universal, o próprio Jean-Jacques Rousseau, apesar de se inspirar nos escritos do Abade de Saint Pierre, serviu-se essencialmente dos textos de juriconsultos, afastando-se das correntes dominantes (Wormser, 2016, p. 5). O seu projecto de constituição plasmou o seu *singular programa* político.



Fig. 10. Constantinopla<sup>17</sup>.

Na Córsega Gorani não conseguiria concretizar os seus desejos, seguindo para Constantinopla, deambulando pelos domínios turcos de então. Perante os constantes desaires que foi vivenciando regressou a Génova, partindo de novo,

<sup>17</sup> <<https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Constantinople.jpg>> (22.06.2021).

via Marselha, para Espanha. Daí seguiria para o norte de África, regressando posteriormente a Cádiz (Monnier, 1874, pp.862-864). Depois de uma estadia de cerca de seis meses nesta região Gorani fez a sua já referida viagem para Portugal, procurando a protecção de Sebastião José de Carvalho e Melo, o ministro que ele chegaria a apelidar de tirano.

Recorde-se que antes de ter redigido as suas *Mémoires pour servir à l'histoire de ma vie* Gorani tinha amplamente discorrido sobre a tirania nas suas já citadas *Recherches sur la science du gouvernement*. Todavia, Gorani no seu discurso memorialístico, que pretende ser “autobiográfico”, não se ocupa da tirania enquanto exercício político, mas descreve o que observa na esfera privada, no decurso dos múltiplos afazeres e domingos passados em Oeiras:

A maior parte dos tiranos são pintados como homens sombrios e taciturnos. O conde de Oeiras não era nem uma coisa nem outra, mas antes, pelo contrário, falava muito, era por vezes prolixo, frequentemente trocista e permitindo-se coisas que nunca esperaria de tal homem: contava um conto e aumentava-lhe um ponto, ridicularizava as próprias vítimas [...].O que me custava a conter! Mas não havia remédio [...] (Gorani, 1989, p.97).

Gorani estava perante o que considerava ser um déspota, mas enquanto sujeito da história e seu narrador, procurava a complacência do leitor. Este autor corporiza o arquétipo do aventureiro, que pretende tudo ter experimentado, passando o seu testemunho ao *Outro*. Deste *Outro* espera que tente a fortuna, que viva num mundo de que ele, Gorani, já se encontra afastado. As suas “dúpliques” *Mémoires pour servir à l'histoire de ma vie*: “[...] sont placés sous plusieurs signes: l'errance, la fuite, le hasard et ses jeux, le double”(Vitali-Volant, 2005, p. 6).

Em Giuseppe Gorani dever-se-á atender a que memória é exercida na polaridade estabelecida entre reflexividade e sociabilidade, e os seus *artefactos* deverão ser problematizados através da interiorização do valor do testemunho como fonte da História, na tripla dimensão concedida à recordação: a de si, a dos próximos e a dos outros (Ricouer, 2004, p. 132). Logo em *les motifs qui ont déterminé à écrire ces mémoires* Gorani declarava: “Je n’aurais jamais songé à tracer ces lignes, si ma vie n’eût été souvent liée à des événements dignes d’être connus et si je n’avais pas passé la plus grande partie de cette vie à étudier les hommes, les coutumes, les lois, les mœurs et les gouvernements”(Casati, Girardet, s.d., p.2). O olhar do autor é o do aventureiro e é através de um jogo de espelhos, o de actor/espectador, que passou o seu testemunho para o leitor, procurando seduzi-lo de forma a que este siga igual forma de vida.

Contudo, e face ao seu protector, Sebastião José de Carvalho e Melo, o memorialista não se exime de expor ao leitor os temores que sentia nos

convívios dominicais em Oeiras. Para ele, este era um tempo onde se continha perante o que, passados anos, confia ao leitor ser a *divertida* exposição ao ridículo a que se dedicava Sebastião José de Carvalho e Melo, pois: “Nele, a transição da benevolência para o ódio e daí para a mais terrível vingança, era um ápice” (Gorani, 1989, p. 97).

Deste modo, desvenda-se a face especular de Giuseppe Gorani enquanto historiador e sujeito da (H)história. Tal faceta é tanto mais evidente quanto pela sua pena são descritos os impactos provocados pelo terramoto de 1755. Ainda, dez anos depois, Gorani elaborou um incisivo excuro sobre este mesmo evento: “Contando bem, durante a minha estadia em Lisboa houve dezassete tremores de terra; o de 23 de Janeiro de 1767, pelas cinco da manhã, foi o que mais se sentiu. Entretanto nenhum destes abalos motivou desastres e a maior parte deles foi durante a noite, sem que me tivesse apercebido” (*Ibi*, p. 111).

O memorialista referencia os múltiplos escritos sobre tão assombroso acontecimento, convocando a memória através do racional e reflexivo exercício da reconstrução do que aconteceu:

Existem numerosos relatos desta horrível calamidade de 1755 e, se em todos há verdades, em quase todos há omissões e erros. Isso me leva a considerar como proveitosa uma relação fiel dos acontecimentos dada por mim, que estive em condições, dez anos depois do terramoto, de recolher de testemunhas oculares a narrativa dos acontecimentos que me eram já então transmitidos de espírito calmo e com seguro exame e constatação. Acresce que não aponte nos meus cadernos senão os factos constantes nas narrativas que existem nas chancelarias e nas secretarias dos principais ministérios (*Ibidem*).

Apesar do pendor positivista/objectivista que clama dar ao seu registo, este milanês plasmou o trágico, ao descrever a manhã de 1 de Novembro de 1755. Através do que considera ser o racional tratamento que o tempo teria dado às lembranças, ele legitima o seu discurso memorialista, pois este comprovaria a exactidão do que teria acontecido, visto se ter servido de registos devidamente autenticados. Todavia, a par do uso denotativo da palavra escrita o autor não resistiu a metaforicamente evocar os sentidos na apresentação dos acontecimentos. Atente-se no momento em que Giuseppe Gorani descreveu a sua chegada a Lisboa, vindo da Aldea Gallega, e já 10 anos passados sobre os acontecimentos de 1755. A capital deslumbrou este observador – viajante, sendo o espaço cinematicamente representado:

logo que me encontrei a meio do Tejo, pude ver a soberba capital do reino de Portugal que se me deparava ao longo da outra margem do rio, disposta em anfiteatro entre o levante e o poente. Do barco onde navegava os passageiros meus companheiros mostravam-me as colinas onde está edificada[...]. A cidade

sobe suavemente desde a margem do Tejo[...] o inconveniente dos desniveis do terreno é bem compensado pelos belos panoramas que as suas elevações proporcionam e pela vizinhança do mar, que torna Lisboa uma cidade deliciosa e salubre. (*Ibi*, p. 65).

Este espaço é visto do rio, o qual vai sendo precisado pelo memorialista: “Lisboa vista do Tejo, a montante ou jusante do rio, induz a considerarem-se como bairros da cidade uma quantidade de lugares e aldeias que lhe estão próximas, para o que contribui o terem-se feito, depois do terramoto de 1755, arruamentos nos espaços livres que ligam a cidade a estes lugares e aldeias.” (*Ibi*, p. 67) Contudo, no interior da cidade, ainda permaneciam vastos espaços, antigos bairros, onde as casas eram enormes montões de escombros.

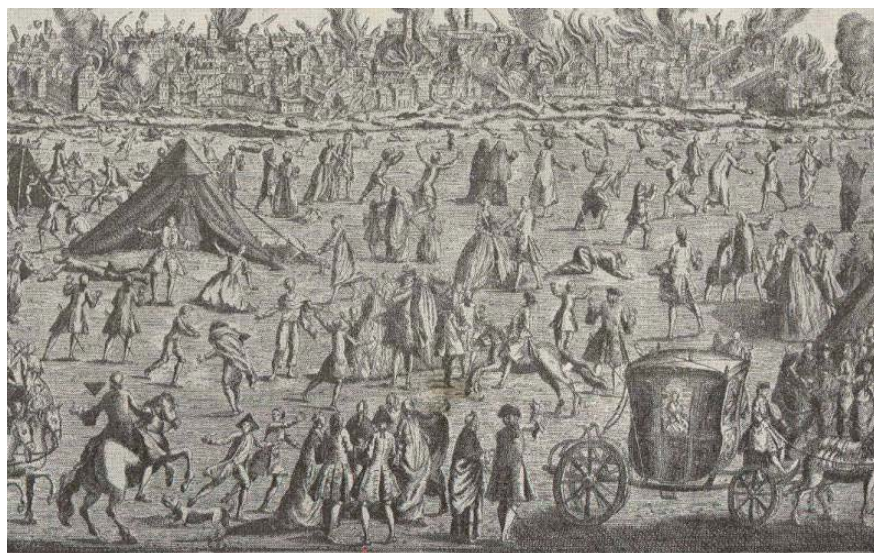


Fig. 11. Lisboa depois do terramoto<sup>18</sup>.

A reconstrução da capital é enunciada nestas *Mémoires pour servir à l'histoire de ma vie*, noticiando-se que, já depois da sua partida, os destroços deram lugar a quarteirões bem edificados e habitados, resultando tal reconstrução da acção eficaz e segura do conde de Oeiras.

Contudo, apesar dos prédios esventrados, bairros semiconstruídos e da maior parte das ruas serem, como escreveu, bastantes sujas, mal calçadas e onde os frequentes declives tornavam certas serventias bastante desagradáveis (Gorani, 1989, p. 68) o viajante estrangeiro, que, entre 1765-67, deambulava por Lisboa, deslumbrava-se com a: “[...] soberba rua Augusta, que era nova e ainda estava incompleta : tinha bons passeios de grandes lajes, era plana e media uma

<sup>18</sup> <[https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Tremblement\\_de\\_Terre\\_de\\_Lisbonne,\\_en\\_1755.jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Tremblement_de_Terre_de_Lisbonne,_en_1755.jpg)>(22.06.21).



légua. Termina esta rua no Rossio, uma das mais belas praças de Lisboa, onde em quase todos os prédios que a contornam existem excelentes estabelecimentos” (*Ibidem*).

Gorani observa detalhadamente os acontecimentos, as pessoas, os ambientes não se escusando de expressar aspectos menos positivos, porém, segundo ele, é a observação do naturalista, que deverá imperar na sua descrição dos espaços.



Fig. 12. Marquesa de Távora<sup>19</sup>.

Face àqueles que seriam os juízos negativos que muitas vezes eram lançados sobre Portugal, ele só vislumbrou amabilidade e doçura nas gentes, e no perfil que traça das mulheres, ainda que sobressaia o galanteio:

Decerto que com as mulheres portuguesas as intrigas de amor são mais perdoáveis do que com as mulheres de qualquer outro país, pois incontestavelmente são as mais belas e sedutores de todas as europeias. Nelas as graças perduram além da mocidade e lembremo-nos da impressão que causava, ainda com quarenta e três anos de idade e já mãe de muitos filhos a famosa Marquesa de Távora, que o Ministro Conde de Oeiras, iníqua e barbaramente mandou decapitar, por crimes que ela não cometeu.

As portuguesas, que em geral conservam as suas belezas pelos anos fora, são muito belas durante a mocidade. Não há país onde as mulheres se apresentem mais sedutoramente. Desconhecem as modas francesas e manifestam até um certo desprezo por elas. Aliás, nenhuma mulher portuguesa estaria disposta a abandonar o traje do seu país, que tanto a favorece e lhe realça a beleza e as graças peculiares (Gorani, 1989, p. 143).

---

<sup>19</sup> Esta é uma cópia de um retrato pintado em 1720-1730 por D. Ana de Lorena (1691-1761). <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:D\\_Leonor\\_Tom%C3%A1sia\\_de\\_Lorena\\_e\\_T%C3%A1vora\\_\(c.\\_1770\)\\_-J.B.\\_G%C3%A9rard.png](https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:D_Leonor_Tom%C3%A1sia_de_Lorena_e_T%C3%A1vora_(c._1770)_-J.B._G%C3%A9rard.png)> (22.06.21).

Na representação dos espaços, nomeadamente na descrição da capital do reino, domina um “locus amoenus”, que, como René-Louis Girardin, define:

consiste précisément dans le choix des formes les plus agréables, dans l'élégance des contours, dans la dégradation de la perspective; il consiste à donner, par contraste bien ménagé d'ombre et de lumière, de la saillie, du relief à tous les objets, et à y répandre les charmes de la variété en les faisant voir sous plusieurs jours, sous plusieurs faces, sous plusieurs formes; comme aussi dans cette heureuse négligence qui est le caractère distinctif de la nature et des grâces (Girardin, 1992, pp.20-21).

Nos ambientes descritos prevalece este signo de um espaço de fuga mental. A sua vista do Tejo revela as formas agradáveis, a elegância dos contornos, a gradação da perspectiva, o equilibrado contraste entre sombra e luz. O que encantou o nosso onisciente viajante estrangeiro foi o traçado íngreme das ruas, entrevedendo-se do rio a harmonia arquitetural do construído. Na memória escrita da cidade fluiu uma *palavra pintada*:

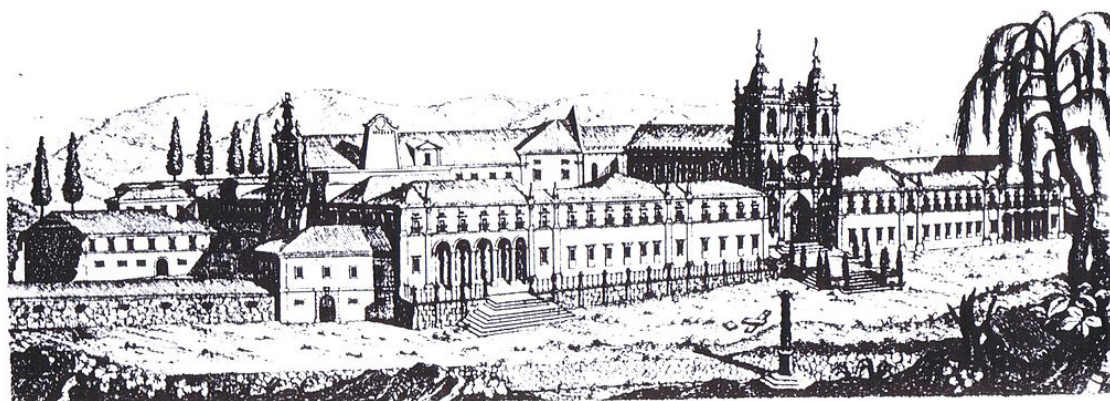
Bastava o panorama do Tejo para tornar [o povo] amável. Os barquinhos que continuamente cruzam o rio, faça bom ou mau tempo, o grande número de navios de todos os países, a chegada e a partida das froas do Brasil, África e de Goa : o largo estuário do rio, o castelo de Belém que fica à direita, o palácio real, a torre de S. Julião que está à esquerda, os campos que circundam a bela capital, onde abundam as lindas quintas ; as florestas de limoeiros e laranjeiras entremeadas de vinhas de olival e de figueiras; as estradas bordadas de enormes aloendros que deleitam a vista [...] Todos estes espectáculos, enfim, que continuamente se lhe exibem os olhos constituem um magnífico panorama que basta, só por si, se outros motivos não houvesse, para tornar os habitantes alegres e bons (Gorani, 1989, p.135).

Giuseppe Gorani foi o soldado<sup>20</sup>/poeta que fez correr pela corte de Lisboa os seus versos. Segundo o seu testemunho teria traduzido, em versos brancos e para italiano, o episódio de Inês de Castro de Camões, o qual teria sido impresso. Através de um dos seus compatriotas chegou igualmente a Lisboa um dos seus poemas épicos, onde sonhara com a sua morte e o juízo final. Na corte josefina, esta última obra teria sido muito bem aceite, o que o levava a versejar para o primeiro-ministro e sua família. Nas suas memórias *retoricamente* confessou: “Fiz o que pude, sem contudo prostituir a minha pena nem envilecer em rasteiras lisonjas: só falava nas boas qualidades, realmente existentes,

---

<sup>20</sup> Veja-se a prestação militar de Giuseppe Gorani na Guerra dos Sete Anos, antes da sua prisão. Casati, 1931, pp. 48-87.

calando, naturalmente, tudo o que só poderia dizer sob pena de me deitar a perder” (Gorani, 1989, p. 124).



PERSPECTIVA DO REAL MOSTEIRO DE ALCOBAÇA.

Fig. 13. Gravura datada de antes de 1750<sup>21</sup>.

Num domingo do mês de agosto de 1766, e depois de em Lisboa assistir ao, como classifica, bárbaro espectáculo de uma corrida de touros, Gorani recebeu a ordem de Sebastião de Carvalho e Melo para partir para o Porto. No caminho parou no Mosteiro de Alcobaça que visitou, declarando que só registaria os objectos que o impressionaram, sobressaindo da sua narrativa o “locus amenus” do vasto e magnífico jardim, onde existiam:

belos caramanchéis guarnecidos de Bancos. A meio exista um bellissimo lago oval, de 130 pés de diâmetro, com um obelisco ao centro. Na extremidade podiam-se ver ciprestes e teixos, a que a tesoura do jardineiro dera diferentes e engenhosas formas: caçadores, monges em prece, cabeças com rabichos e outras cabeleiras. Estes homens-plantas viviam com as árvores e estavam bem figurados (*Ibi*, 1989, p.160).

De seguida, este memorialista visitou o convento da Batalha onde apreciou as excelências do lugar, sendo Coimbra a próxima paragem. Nestas memórias Giuseppe Gorani descreveu, algo detalhadamente, os colégios da Universidade e o Museu que, segundo as suas palavras, possuía uma soberba colecção de animais de diferentes partes do mundo (*Ibi*, p. 172) a par e todo um sem número de espécies do reino vegetal e mineral, todos classificados pelo sistema de Lineu.

Durante 3 dias permaneceu nas margens do Mondego, seguindo depois para o Porto. Inebriou-o o espectáculo encantador das margens do Douro e do seu

<sup>21</sup> <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Mosteiro\\_de\\_Alcoba%C3%A7a#/media/Ficheiro:Alcobaca.mo steiro.1750.JPG](https://pt.wikipedia.org/wiki/Mosteiro_de_Alcoba%C3%A7a#/media/Ficheiro:Alcobaca.mo steiro.1750.JPG)> (22.06.21).

casario, onde pontuavam jardins, vinhas, bosques, conventos e belíssimas casas. Os barqueiros eram tão delicados, prestáveis e espirituosos como os gondoleiros venezianos, sendo frequente: “[...]ouvi-los cantar estâncias de Camões, assim como os de Veneza cantam as de Ariosto e de Tasso” (*Ibi*, p.179). Depois de um périplo por outras vilas portuguesas como Mafra e Sintra e após regressar à capital Giuseppe Gorani preparou a sua saída do reino de Portugal, aproveitando um barco mercante inglês, saindo do porto de Lisboa a 1 de março de 1767, chegando a Génova a 11 desse mesmo mês (*Ibi*, p.206).

Enfim, nesta desocultação de um olhar, onde se plasma uma alteridade omnisciente, onde o sentir do “estrangeiro” é ditado pela digressão em outros espaços, mergulhámos na escrita de um tempo, onde a condição histórica se expôs. O actor/historiador da História serviu-se da memória e representou historiograficamente um passado, o seu e o de outros. A nós, no presente, impõem-se a tarefa de reconstruir a sua veracidade, de analisar os seus resquícios, de determinar as formas de representação de um estar no mundo.

## 2. Bibliografia

- Anderson, Linda (2001) *Autobiography*. London: Routledge.
- Babbit, Frank Cole (1961) *Plutarch 's Moralia*. London: Heinemann Ltd.
- Buescu, Helena Carvalhão (2005) 'Ver Demais: O terramoto de 1755 na literatura', *1755- O Grande terramoto de Lisboa – Volume I Descrições*. Lisboa: FLAD, pp. 393-415.
- Casati, Alessandro (1931) *Giuseppe Gorani e la Guerra dei Sette Anni*. Milano.
- Casati, Alexandre - Raoul Girardet (s.d.) *Mémoires de Gorani*. Paris: Gallimard.
- Catroga, Fernando (2001) *Memória, História e Historiografia*. Coimbra: Quarteto.
- Chartier, Roger (2002) *Á beira da Falésia. A História entre certezas e inquietude*. Rio Grande do Sul: Editora da Universidade Federal de Rio Grande do Sul .
- Freire, Francisco José (1758) *Memorias das principaes providencias, que se deraõ no terremoto, que padeceo a Corte de Lisboa no anno de 1755, ordenadas, e offerecidas à Majestade Fidelissima de Elrey D. Joseph I. Nosso Senhor / por Amador Patrício de Lisboa*. Lisboa: [s.n.].
- Genton, François (2010) 'Georges Gusdorf et l"écriture de soi": de la théorie à la pratique', *Écritures autobiographiques: Entre confession et dissimulation*. Rennes: Presses universitaires de Rennes. <<http://books.openedition.org/pur/38692> > (21 giugno 2021).

- Girardin, René-Louis (1992) *De la composition des paysages*. Seyssel: Champ Vallon.
- Gorani, Giuseppe (1989) *Portugal - A Corte e o País nos anos de 1765a 1767*. Lisboa: Lisóptima Edições.
- Gorani, J. (1793) *Lettres sur la révolution française, par j. Gorani citoyen français, à son ami Ch. Pougens*. Paris: Guillaume Junior.
- Hamilton, Paul (2002) *Historicism*. London: Routledge.
- Hazin, Elizabeth (2002) 'Gabriele Malagrida: importância de seu resgate para a memória brasileira', *Diálogos Latinoamericanos*, Aarhus: Universitet Aarhus, 5, pp. 84-98.
- Wormser, Gérard (2016) 'La pensée romantique, une révolution des idées', *Sens public*, <<https://doi.org/10.7202/1044410ar>> (21 giugno 2021).
- Mannucci, Erica (1998) 'J. Giuseppe Gorani: Dalla Rivoluzione al volontario esilio (1792-1811)', in Puccinelli, Elena (coord.), *Introduzione di Carlo Capra, Coll. 'Economica e società in Lombardia dall'età delle riforme alla grande crisi', Dix-huitième Siècle*, 31, p. 584, <[https://www.persee.fr/doc/dhs\\_0070-6760\\_1999\\_num\\_31\\_1\\_2320\\_t1\\_0584\\_0000\\_3](https://www.persee.fr/doc/dhs_0070-6760_1999_num_31_1_2320_t1_0584_0000_3)> (21 giugno 2021).
- Marin, Louis (2001) *On Representation*. Stanford-California: Stanford University Press.
- Monnier, Marc (1874) 'Le Comte Joseph Gorani: D'après ses mémoires inédites', *Revue des Deux Mondes (1829-1971)*, 5, 4, pp. 854-888. <[https://www.jstor.org/stable/44751272?seq=1#metadata\\_info\\_tab\\_contents](https://www.jstor.org/stable/44751272?seq=1#metadata_info_tab_contents)> (21 giugno 2021).
- Ricouer, Paul (2004) *Memory, History and Forgetting*. Chicago: Chicago University Press.
- Rousseau, Jean-Jacques (2012) *Projet de constitution pour la Corse*. La gaya scienza <[http://www.ac-grenoble.fr/PhiloSophie/old2/file/rousseau\\_corse.pdf](http://www.ac-grenoble.fr/PhiloSophie/old2/file/rousseau_corse.pdf)> (21 giugno 2021).
- (s.d.) *Les Confessions*. [online] Édition du groupe 'Ebooks libres et gratuits' <[https://ebooks-bnr.com/ebooks/pdf4/rousseau\\_les\\_confessions.pdf](https://ebooks-bnr.com/ebooks/pdf4/rousseau_les_confessions.pdf)> (21 giugno 2021).

- Simões, Maria João (2011) 'Cruzamentos teóricos da imagologia literária: imagotipos e imaginários', in Ead. (coord.) *Imagotipos literários: processos de (des)configuração na imagologia literária*. Coimbra: Centro de Literatura Portuguesa da Universidade de Coimbra, pp. 9-53. <<https://estu.dogeral.uc.pt/bitstream/10316/28919/1/Imagotipos%20liter%c3%a1rios.pdf>> (21 giugno 2021)
- Urbano, Carlota Miranda (2014) 'O biógrafo António Franco S. J., autor da Imagem da Virtude', *Humanitas*, Coimbra: Imprensa da Universidade, 66, pp. 297-308.
- Vitali-Volant, Maria G. (2005) 'Le hasard et la nécessité: figures du hasard dans les *Mémoires pour servir à l'histoire de ma vie* de Giuseppe Gorani', *Italies [online]*, 9, pp. 121-124, <<http://italies.revues.org/220>> (21 giugno 2021).

### 3. *Curriculum vitae*

Ana Paula Menino Avelar é Professora Associada com Agregação da Universidade Aberta na área de História Moderna. Coordena e/ou participa em projectos nacionais e internacionais. É autora de ensaios, capítulos e livros nas áreas dos Estudos Históricos, Asiáticos, Cultura Portuguesa em publicações nacionais e internacionais. Para além de leccionar em cursos de graduação, coordena vários, orienta teses e dissertações e acompanha projectos de pós-doutoramento. É membro de várias academias, estando na direcção da Academia de Marinha. Prepara, entre outros projectos editoriais, a edição da obra de Fernão Lopes de Castanheda para a Imprensa Nacional, sendo nesta editora a responsável científica pela colecção *Itinerários portugueses*.



© Copyright: Author(s).

Gli autori che pubblicano con *RiMe* conservano i diritti d'autore e concedono alla rivista il diritto di prima pubblicazione con i lavori contemporaneamente autorizzati ai sensi della

Authors who publish with *RiMe* retain copyright and grant the Journal right of first publication with the works simultaneously licensed under the terms of the

“Creative Commons Attribution - NonCommercial 4.0 International License”



Il presente volume è stato pubblicato online il 30 giugno 2021 in:

This volume has been published online on 30th June 2021 at:

<http://rime.cnr.it>

CNR - Istituto di Storia dell'Europa Mediterranea  
Via Giovanni Battista Tuveri, 128 - 09129 Cagliari (Italy).  
Telefono | Telephone: +39 070403635 / 070403670.  
Sito web | Website: [www.isem.cnr.it](http://www.isem.cnr.it)





